

Resenha crítica da obra: “Um discurso sobre as ciências”

Critical review of the work: “A discourse on the sciences”

Daniel de Moura Rocha¹; Alessandra Gomes Mendes Tostes²

A presente resenha foi desenvolvida como parte do projeto de iniciação científica, PIBIC-EM/CNPq, cujo título é ‘A construção da disciplina de sociologia no ensino médio’, sob a orientação da professora de sociologia do Colégio de Aplicação CAP-COLUNI/UFV Alessandra Gomes Mendes Tostes. No primeiro momento da pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica e discussões sobre as ciências, a pesquisa científica, os paradigmas científicos e os métodos de pesquisa, sobretudo nas Ciências Sociais. Uma das obras escolhidas para a leitura, a produção do seminário e a discussão epistemológica da pesquisa foi o livro “Um discurso sobre as Ciências” do autor português Boaventura de Souza Santos. A relevância da obra para a construção da pesquisa está na condição pioneira do estudo ao propor uma pesquisa do sujeito enquanto objeto, ou seja, a professora responsável pela disciplina de sociologia, pesquisa sua própria prática enquanto os estudantes pesquisadores-bolsistas, ao iniciarem na prática da pesquisa científica, o fazem pesquisando suas próprias práticas. Este exercício foi imperativo para a escolha desta obra do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, pois trata-se de um marco inicial nos debates sobre as ciências.

Publicado pela primeira vez no ano de 1987, em Portugal, o livro “Um discurso sobre as ciências” foi escrito por Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Além ser licenciado em Direito na mesma faculdade, Boaventura concluiu seu doutorado na Universidade de Yale e lançou diversas obras nas áreas de sociologia do Direito, epistemologia, direitos humanos e democracia.

1 Bolsista de Iniciação Científica para o Ensino Médio financiado pelo CNPq, no período de julho de 2019 a julho de 2020. Aluno da 3ª série do ensino regular médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa. Email: danielmourarochoa19@gmail.com

2 Professora da disciplina de sociologia e coordenadora da área de Ciências Sociais no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa.

Atualmente em sua 13ª edição, “Um discurso sobre as ciências” é composto por 92 páginas e dividido em três partes principais: o paradigma dominante, a crise do paradigma dominante e o paradigma emergente. No decorrer da obra, Sousa Santos fundamenta sua crítica ao paradigma dominante da ciência e reconstitui historicamente a sua crise, sucedida pela emergência de um novo paradigma que também é caracterizado pelo autor no livro.

Logo no prefácio, Boaventura explicita seu posicionamento em defesa de uma visão epistemológica antipositivista, propondo que a teoria do conhecimento seja desvinculada do pensamento positivista. Tal positivismo, idealizado por Augusto Comte no século XIX, prega um afastamento radical da teologia e da metafísica ao mesmo tempo que considera inválido qualquer conhecimento advindo do senso comum – constituindo uma das principais críticas de Boaventura à essa ciência moderna pautada no positivismo nesta obra em resenha.

O autor contrapõe-se ao fato do positivismo defender que o conhecimento científico seja considerado a única forma de conhecimento verdadeiro, deixando totalmente de lado o senso comum. Concomitantemente, Boaventura enfatiza que ser objetivo em uma pesquisa não significa ser neutro. Ainda nas primeiras páginas, o autor pontua que, nos últimos trinta anos, as descobertas da ciência foram tantas que criaram uma impressão que os séculos anteriores foram períodos pré-históricos. Entretanto, Boaventura destaca que essa impressão é errônea, visto que os mesmos paradigmas dos séculos anteriores ainda estão presentes no momento atual, como se o paradigma da ciência não tivesse sido alterado.

Ao abordar o “O paradigma dominante”, Boaventura de Sousa explica a base dessa ordem científica hegemônica que defende veementemente uma fronteira estabelecida entre o senso comum e a pesquisa científica. O autor menciona Aristóteles em sua descrição da metafísica para comunicar a experiência do conhecimento, ou seja, conhecer o objeto através das sensações provocadas pelo mesmo. Contrapondo-se a esse pensamento, o paradigma dominante visa desconfiar de todo conhecimento advindo das sensações, constituindo-se um modelo totalitário que recusa o caráter racional das formas de conhecimento que não forem aquelas baseadas nos princípios epistemológicos e nas regras metodológicas do paradigma dominante.

Outro componente presente no paradigma dominante abordado por Boaventura de Sousa Santos, são as ideias matemáticas como elemento central que fornecem a análise e

a lógica da investigação na ciência moderna, tendo duas consequências principais: o preceito de que conhecer significa quantificar, ou seja, aquilo que não é quantificável é considerado cientificamente irrelevante; o método científico pressupõe a redução da complexidade através da divisão e classificação, tendo como base o método cartesiano.

Boaventura de Sousa Santos observa que a divisão primordial foi entre as “condições iniciais” e as “leis da natureza”, salientando que quando se deixa de lado as condições iniciais, uma pesquisa científica está partindo do pressuposto de que o resultado dessa pesquisa será dado, independentemente, de onde ela seja realizada. Em seguida, o autor aborda aspectos do determinismo mecanicista fundamentado por Isaac Newton, o qual considerava que tudo na matéria é uma máquina, portanto, estudar a matéria era como estudar uma máquina.

Essa ideia do “mundo-máquina” se transformou na grande hipótese universal da época moderna: o mecanicismo. Esta hipótese acabou sendo aplicada aos estudos da sociedade, partindo-se dos mesmos paradigmas da ciência moderna, originando nas Ciências Sociais. Sousa Santos tece diversas críticas a essa forma mecanicista de estudar a sociedade visto que, segundo ele, o comportamento humano não pode ser explicado com base apenas nas observações, e que a ciência social terá sempre o caráter de uma ciência subjetiva, e não objetiva.

A partir da segunda metade do livro, Boaventura de Sousa Santos inicia a caracterização da crise do paradigma dominante, descrito anteriormente. Mesmo em decadência, é um paradigma ainda dominante, e vem sendo superado por um novo paradigma que, ao contrário do dominante, considera a importância do senso comum como fonte de conhecimento.

Segundo o autor, essa crise começou com Albert Einstein, o qual propôs a relatividade e simultaneidade dos acontecimentos, ou seja, que os eventos não são universais, e sim relativos. Além disso, Sousa Santos destaca as contribuições que a física quântica trouxe para quebrar os paradigmas da ciência moderna, afirmando que nem tudo é passível de certeza e pode ser quantificado com exatidão.

A partir de então, Boaventura finaliza a obra caracterizando o paradigma emergente, apresentando-o através de quatro teses seguidas de justificativa. Na primeira, denominada “Todo o conhecimento científico-natural é científico-social”, o autor apresenta o rompimento da barreira que distinguia as ciências naturais das ciências sociais, salientando que essa distinção não tem mais sentido e utilidade no paradigma emergente,

sendo que este tende a ser um conhecimento não dualista pautado exatamente na superação das distinções.

Na segunda tese, chamada “Todo o conhecimento é local e total”, Santos destaca que na ciência moderna o conhecimento tende pela especialização, constituído na parcelização e disciplinarização do saber científico, fazendo do cientista um “ignorante especializado”. Ao contrário da ciência moderna, na ciência pós-moderna o conhecimento avança à medida que o objeto de estudo se amplia, indo em busca de variadas interfaces e da pluralidade metodológica. Portanto, por ser um conhecimento total e local, ele não é determinístico e nem descritivista.

Na terceira tese, denominada “Todo conhecimento é autoconhecimento”, Boaventura afirma que a ciência, natural ou social, é subjetiva e, conseqüentemente, autobiográfica. Parafraseando Clausewitz, o autor diz que o objeto é como se fosse uma continuação do sujeito através de outros meios, e que a subjetividade do cientista faz parte de sua explicação sobre a sociedade ou a natureza.

Ademais, vale ressaltar que nesta terceira tese – todo o conhecimento é autoconhecimento, justifica-se o fato de que nós, pesquisadores, estamos analisando a nós mesmos dentro da pesquisa proposta, numa condição de pesquisador-objeto, uma vez que ao mesmo tempo em que somos alunos do Colégio de Aplicação da UFV, estamos também pesquisando sobre as implicações do ensino de sociologia na mobilização político-social desses alunos.

Na quarta e última tese, chamada “Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”, Santos afirma que a ciência pós-moderna também tende a reconhecer o senso comum como uma fonte de ciência assim como qualquer outra, tentando dialogar com as demais formas de conhecimento e deixando-se penetrar por elas. O sociólogo português reconhece o senso comum como sendo prático e pragmático, atrelado às trajetórias e experiências vivenciadas por um grupo social.

Paralelamente ao contexto hodierno, as teses abordadas pelo autor se mostram como fundamentais nos dias atuais, uma vez que a ampliação dos métodos de pesquisa e da perspectiva científica se faz necessária para transgredir os estigmas que se perpetuam na sociedade, impedindo a busca de novas formas de conhecimento que não estejam diretamente alinhados com a noção de progresso imposta pela ordem hegemônica vigente. Outrossim, no âmbito nacional, verifica-se a importância da manutenção dos programas de incentivo à pesquisa científica nas instituições de ensino, inclusive nas áreas de

Edição Especial

Ciências Humanas e Sociais, como um mecanismo para fomentar a distribuição desse conhecimento para além das barreiras do mundo acadêmico, de forma a torná-lo acessível ao restante da sociedade, buscando interagir com outros sujeitos e diferentes visões de mundo.

Dessa forma, o novo paradigma defendido por Boaventura de Sousa Santos ao longo da obra reflete um momento de transição a uma nova ordem social que pretende romper com preconceitos e métodos conservadores e ultrapassados, que não atendem mais às demandas da ciência contemporânea. Além de ser um novo paradigma científico, se mostra como um paradigma social por interagir com as demais fontes de conhecimento da sociedade, tornando assim, um saber científico menos elitista e mais democratizante.

REFERÊNCIA

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.